

PSICANÁLISE E RELIGIÃO

Noêmia Santos Crespo¹

As investigações da Antropologia Cultural nos revelam que todas as culturas conheceram manifestações de sofrimento físico-moral para cujo manejo foi inventado o ofício dos xamãs, feiticeiros e afins. Todos os que, na atualidade, fazemos da causalidade psíquica o alicerce do nosso afazer, somos herdeiros dessa tradição. Cabe-nos determinar com rigor os pontos de conexão e de ruptura entre nossa práxis e a dos nossos predecessores – magos, sacerdotes e profetas.

Entrementes, nossa cultura vem sendo atravessada por um poderoso movimento de deslegitimação de todas as práticas de manejo do sofrimento psíquico baseadas na eficácia simbólica. O discurso dominante – capitalismo financeiro de consumo de massa, fortemente enlaçado à tecnociência - promove um poderoso processo de coisificação e medicalização da dor de existir, tomando o sujeito como um produto, objeto manipulável como qualquer outro. Toleramos ainda, marginalmente, terapêuticas psicológicas “de resultados”, oferecidas como coadjuvantes subalternas dos tratamentos psicofarmacológicos de última geração. Em nosso Admirável Mundo Novo, aposta-se na total homogeneização entre sujeito e objeto; o Santo Graal da pesquisa psicofarmacológica é uma versão qualquer do Soma, capaz de promover uma felicidade universal, bovina e permanente.

Neste cenário, como ficam as religiões? Já nos idos de 1882, Nietzsche decretou que Deus estava morto. Muitos outros pensadores, Freud inclusive, profetizaram um ocaso irreversível das religiões como resultado da expansão do discurso da Ciência. Curiosamente, não é o que vemos na atualidade, pelo menos não de forma homogênea. As religiões tornaram-se trincheiras de resistência política, ideológica e cultural de povos historicamente espoliados e subjugados, para os quais a globalização não tem sido propriamente uma bênção. Conceitos como os de guerra santa e martírio agradável a Deus

conquistaram uma surpreendente atualidade no mundo contemporâneo, onde fazem contraponto ao *ethos* dominante do conforto e do consumo. Talvez como resposta a irrupções brutais desse neo-fundamentalismo anti-Occidente – como os episódios de 11 de setembro - o discurso religioso de matiz reacionário vem apresentando uma notável ressurgência também no cenário cultural e político dos Estados Unidos. Lá, o neoconservadorismo político, o militarismo e o imperialismo têm lastro poderoso em certos grupos religiosos. Muitos *neocons* são também *theocons*. Já em países como o Brasil, as classes populares – e outras mais remediadas também - vêm buscando, em diferentes religiões, operadores simbólicos acessíveis para o desenvolvimento de laços de solidariedade, ajuda mútua, conforto espiritual e resistência contra a barbárie. A observação imparcial desse movimento revela um quadro paradoxal, onde experiências religiosas de autenticidade indiscutível se mesclam às mais variadas formas de exploração e abuso da fé popular.

Que lugar existiria para a Psicanálise no mundo contemporâneo, onde exorcismos, fundamentalismos, neo-conservadorismos, terapêuticas e teologias de resultados, de um lado - e psicofármacos, de outro lado, disputam ou partilham o antigo mercado das feitiçarias?

Diremos, à guisa de aposta, que a Psicanálise terá lugar enquanto puder acolher o lixo subjetivo da nossa cultura: o sintoma, a inibição, a angústia, no que resistem à redução, à domesticação, à dominação pelos saberes hegemônicos.

A aposta freudiana, que para muitos soa pessimista – mas não para nós -, é de que o mal-estar na civilização não tem cura. Não haverá Soma nem doutrina capaz de nos tornar formigas harmoniosas, legumes felizes para sempre. Buscaremos anestesia nos psicofármacos, até nos rebelarmos contra esta vida de zumbis capazes de engolir qualquer coisa que nos mantenha “funcionando”. Buscaremos respostas nas religiões, até descobrirmos que mesmo assim, precisamos inventar nosso modo pessoal de confrontar o que todas elas reconhecem como o Mistério infranqueável, o grande e insondável Silêncio dos deuses. As respostas genéricas não nos bastam. Deus não nos poupa da inibição, do sintoma e da angústia. Até certos relatos dos místicos nos revelam: Deus se esconde e se cala. Ele falta; por isso mesmo, aliás, para alguns, é possível amá-lo...

A Psicanálise é a presentificação da eficácia simbólica num mundo onde Deus está morto. Não, é claro,

¹ Núcleo de Psicanálise e Direito

que não se acredite mais em Deus, ou nos deuses. Mas o Deus do dogma, do consenso universal compulsivo, da censura generalizada a toda dúvida, esse está morto numa cultura onde somos adestrados, desde que nascemos, na famosa dúvida metódica do *père* Descartes. Agora, questionar as tradições e verdades absolutas não é mais proibido, ou feito em surdina do pré-consciente: é obrigatório. Isto significa que acreditar em Deus na atualidade supõe admitir explicitamente a hipótese de que, afinal, Deus pode muito bem não existir. Ou pode ser muito diferente do Deus dos meus pais e avós, e parecido com o Deus de meus vizinhos (de rua ou de mundo, afinal, hoje somos globalizados...) - cuja religião tem dogmas antagônicos aos da minha. As certezas que abrigo podem ser tão ilusórias quanto as do meu grande amor, por meu próximo ou por mim mesmo, que se revelou uma mentira – ou, como as certezas que eu vivo nos meus sonhos, referir-se a um real estranhamente familiar, que só se apresenta para mim sob uma roupagem de despiste, ou sob um clarão de horror.

A Psicanálise presentifica a eficácia simbólica num mundo onde o buraco no simbólico não pode mais ser facilmente encoberto. O sujeito da contemporaneidade demanda respostas, doutrinas e certezas, com a mesma desesperada rapidez com que denuncia sua insuficiência, tão logo recebe o que demanda. “Não é isso!” Sabedorias, virtude, bons conselhos, não poderíamos viver sem isso. E disso temos muito, até talvez em demasia. Nossa cultura globalizada nos dá acesso a um inesgotável cabedal de sistemas filosóficos e religiosos, saberes e ideologias, desenvolvidos por nossos semelhantes agora mesmo, ou noutros tempos e lugares - sem mencionar a possibilidade de interagirmos virtualmente, em tempo real, com pessoas de qualquer lugar do mundo. Nessa Babel de verdades precárias e certezas em conflito, como encontraríamos o bálsamo para nosso mal-estar - aquele que teima em desafiar o que sabemos, ou julgamos saber?

Freud apostava que esse bálsamo não existe nem existirá. Apostava que seria possível desvelar a causa de nosso mal-estar subjetivo, pessoal, através de um resgate ao refugio da nossa produção psíquica – sonhos, sintomas, esquisitices, lapsos, atos falhos, transferência. Apostava que poderíamos inventar uma resposta singular para a nossa orfandade. Lacan, que vai além de Freud neste ponto, afirma até ser possível chegar ao entusiasmo, após atravessarmos nossos pontos de horror pessoal.

Dirão talvez que isso tudo é um luxo para privilegiados, um escândalo. Houve épocas em que aprender a ler era conotado da mesma forma. Como a psicanálise hoje, o letramento era privilégio acessível a poucos. Ora, a psicanálise é um processo de letramento, um tanto mais longo e penoso que o beabá, já

Afreudite – Ano VI, 2010 – n.º 11/12
pp. 69-72

que se trata de ler e refazer uma escritura singular - da linguagem, dos discursos que nos banharam, sobre nossa carne, ou melhor, com a nossa carne.

Como a experiência poética, a mística, o amor, a Psicanálise não está aberta a todos. Poucos são chamados, menos ainda escolhidos. Temos aqui outro escândalo sem remédio, dentre os inúmeros que a experiência de falantes nos obriga a suportar.

Tenhamos, então, paciência, e perseveremos na via que nosso sintoma nos faculta.